

CAPÍTULO 07

DOI: <https://doi.org/10.58871/conbrasca.v3.07>

USO DE INSTRUMENTOS PARA RASTREIO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) POR ENFERMEIROS

USE OF INSTRUMENTS TO SCREEN AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD) BY NURSES

LEANDRO SALDANHA NUNES MOUZINHO

Graduado em Enfermagem pela Universidade CEUMA e Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Docente da Faculdade Santa Terezinha – CEST.

HELEN CRISTINA DA SILVA PALAVRA

Graduada em Enfermagem pela Faculdade Santa Terezinha – CEST.

RESUMO

Objetivo: Analisar a utilização de instrumentos de rastreio do TEA por enfermeiros. **Metodologia:** Realizou-se revisão narrativa de literatura com buscas em bancos de dados eletrônicos por publicações científicas recentes. Foram pesquisadas as bases SCIELO, LILACS e MEDLINE utilizando os descritores “Transtorno do Espectro Autista”, “Avaliação de Sintomas” e “Enfermagem” dentro do limite de data de publicação entre os anos 2013 e 2023. Foram selecionados sete obras que atenderam aos critérios de inclusão. **Resultados e Discussão:** A análise da literatura selecionada permitiu identificar quais os instrumentos podem ser usados pelos enfermeiros para rastreio do autismo, dentre os quais o mais frequentemente mencionado e recomendado foi o M-CHAT. Também possibilitou identificar as funções que o enfermeiro mais desempenha durante o processo investigativo de diagnóstico precoce do TEA, consistindo nas atribuições de: orientador; educador em saúde; articulador de condutas entre a família, o sujeito e a saúde; avaliador de desenvolvimento; e pesquisador. **Considerações Finais:** Conclui-se que o enfermeiro tem papel importante no rastreio do TEA e que o conhecimento dos instrumentos que possibilitam essa função é necessário a esses profissionais, no entanto o enfermeiro ainda mostra inabilitado a usar tais instrumentos por falta de conhecimento suficiente e capacitação.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; avaliação de sintomas; enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To analyze the use of ASD screening instruments by nurses. **Methodology:** A narrative literature review was carried out with searches in electronic databases for recent scientific publications. The SCIELO, LILACS and MEDLINE databases were searched using the descriptors “Autistic Spectrum Disorder”, “Symptom Assessment” and “Nursing” within the publication date limit between the years 2013 and 2023. Seven works were selected that met the inclusion criteria. **Results and Discussion:** The analysis of the selected literature

allowed us to identify which instruments can be used by nurses to screen for autism, among which the most frequently mentioned and recommended was the M-CHAT. It also made it possible to identify the functions that nurses most perform during the investigative process of early diagnosis of ASD, consisting of the duties of: advisor; health educator; articulator of conduct between the family, the subject and health; development evaluator; and researcher. **Final Considerations:** It is concluded that nurses have an important role in ASD screening and that knowledge of the instruments that enable this function is necessary for these professionals, however nurses still appear unable to use such instruments due to lack of sufficient knowledge and training.

Keywords: autism spectrum disorder; symptom assessment; nursing.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio neurológico que afeta o comportamento e interação social do indivíduo podendo haver a necessidade de assistência por longos períodos, além da possibilidade de diversas comorbidades. Com isso, é de suma importância que toda a equipe multiprofissional de saúde preste assistência de qualidade, principalmente no rastreio precoce desse transtorno, observando minuciosamente as características que logo se apresentam, visto que o tempo é um fator crucial para o prognóstico do sujeito (Araújo *et al.*, 2019).

Atualmente, podem existir mais de 70 milhões de autistas no mundo, muitos destes desconhecem a existência do transtorno devido ao pouco conhecimento e à baixa divulgação de informações a respeito. A interpretação incorreta dos sinais e sintomas que se apresentam ainda na primeira infância, as quais muitas vezes são confundidos com birras ou até mesmo sendo marcos normais para a idade, pode levar a esta inconsistência de conhecimento e diagnóstico precoce. Por isso, ressalta-se a importância do uso de instrumentos de rastreio por profissionais capacitados durante as consultas de saúde, nesses também incluso o enfermeiro (Rodrigues *et al.*, 2017).

Na maioria das vezes, a investigação diagnóstica leva anos, podendo ocorrer tardiamente e comprometer períodos da primeira infância cruciais para o início precoce das terapias necessárias. Por essa razão, o enfermeiro deve conhecer as características do transtorno a fim de identificá-las precocemente e alertar os responsáveis da criança para investigações mais direcionadas. O profissional de enfermagem tem vantagem nessa investigação devido a ele ser um dos primeiros a ter contato com a criança em consultas de rotina das Unidades Básicas de Saúde (UBS) desde os primeiros meses de vida (Oliveira *et al.*, 2018).

Sendo assim, acredita-se que a abordagem da enfermagem no rastreio precoce do

autismo como uma temática de estudo é importante, pois estimula a investigação científica nessa área, sendo um elo entre a prática de saúde e a pesquisa científica. Além de produzir maiores conhecimentos sobre essa condição relativamente prevalente na população, com o intuito de conduzir avaliação mais detalhada e criteriosa. Ademais, as orientações do enfermeiro aos pais e cuidadores, que muitas vezes são ignoradas ou despercebidas aos olhos leigos, também pode ser um alvo de melhoria a partir do desenvolvimento científico (Silva *et al.*, 2020). Diante do contexto apresentado, formulou-se o seguinte questionamento norteador deste estudo: O que a literatura recente tem a apresentar sobre a utilização de instrumentos de rastreio de TEA por enfermeiros?

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a utilização de instrumentos de rastreio do TEA por enfermeiros. Para isso, foram formulados os seguintes objetivos específicos: a) realizar levantamento de literatura sobre a utilização de instrumentos de rastreio do TEA por enfermeiros e b) apresentar a inserção do profissional de enfermagem no rastreio de TEA.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura composta por artigos publicados, monografias, dissertações e teses sobre a temática do uso de instrumentos para rastreio do TEA por enfermeiros. A coleta de dados foi realizada a partir de um levantamento bibliográfico para seleção dos estudos em bases de dados online: Biblioteca Científica Eletrônica Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe e Ciências da Saúde (LILACS) e Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (Medline). A obtenção das obras se deu através da busca de palavras-chave registradas nos Descritores de Ciências da Saúde (DeCS), que compreendiam a importância da pesquisa: “Avaliação de sintomas”, “Transtorno do Espectro Autista” e “Enfermagem”. Foram inclusas obras disponíveis na íntegra em português ou inglês que tenham sido publicadas ou disponibilizadas *online* entre os anos de 2013 e junho de 2023.

Para obtenção da amostra final, os títulos foram lidos em busca de adequação às palavras-chave e aos objetivos do estudo em cada plataforma de busca. Após esta seleção inicial, os resumos foram identificados e lidos a fim de checar os critérios de inclusão. E, finalmente, as publicações foram estudadas na íntegra para posterior fichamento e análise.

Para a análise de dados foram realizados fichamentos de cada uma das obras selecionadas a fim de alcançar os objetivos propostos. Para organização dos dados, foi utilizado um quadro com informações de: “Nome do autor”, “Data de publicação”, “Objetivo da pesquisa”, “Método utilizado” e “Instrumento de rastreio mencionado”. As outras informações

analisadas foram retiradas da literatura selecionada e discutidas à luz da literatura recente na área.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da aplicação do método proposto, puderam ser identificadas 07 obras que se adequaram aos critérios de inclusão detalhados, descritas a seguir no quadro 01.

Quadro 01: Descrições das obras sobre os instrumentos de rastreio do TEA e a enfermagem, publicados entre 2013 e 2023.

Nome dos autores	Data de publicação	Objetivo da pesquisa	Método utilizado	Instrumentos de rastreio mencionados
Almeida <i>et al.</i>	2021	Destacar os principais desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem na utilização da Caderneta de Saúde para diagnóstico de crianças com TEA.	Trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão integrativa de literatura, consistindo em uma pesquisa do tipo qualitativa, integrativa, exploratória e descritiva.	Caderneta de Saúde da Criança
Backes <i>et al.</i>	2014	Revisar sistematicamente a literatura científica acerca das propriedades psicométricas de instrumentos internacionais para avaliação do transtorno do espectro autismo (TEA) na população brasileira.	Realizou-se uma revisão sistemática a partir de referências bibliográficas em seis bases de dados: PsycINFO, PubMed, IndexPsi, Lilacs, Capes (teses e dissertações) e SciELO, sendo a seleção dos estudos realizada por dois pesquisadores independentes.	ABC ADI-R ASQ CARS M-CHAT
Braga	2013	Subsidiar o conhecimento do enfermeiro através de uma “capacitação e detecção precoce dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento-Atuação do enfermeiro”.	Utilização de método de delineamento quase-experimental caracterizado por uma intervenção de ensino.	ADI-R ADOS ASQ CARS M-CHAT
Bortone e Wingester	2016	Analisar através de produções científicas a capacidade técnica do profissional de enfermagem da Atenção Básica de Saúde para as possíveis alterações do desenvolvimento infantil	Revisão integrativa de literatura que visa reunir, buscar, avaliar e sintetizar o conhecimento sobre o tema investigado confrontando as condições ao delinear a questão em análise.	IRDI M-CHAT

		relativo aos sinais do Transtorno do Espectro Autista (TEA) durante as consultas de enfermagem, para que o acompanham então do C/D infantil seja de forma precoce, eficaz e preferencialmente resolutive.		
Moura	2016	Capacitar os enfermeiros da atenção básica do município de Caxias, para utilizar o teste M-CHAT com os pais e ou cuidadores das crianças com idade de 18 à 24 meses que passam pela consulta de enfermagem.	Estudo de intervenção descritivo com abordagem quantitativa.	M-CHAT
Nascimento <i>et al.</i>	2018	Identificar a atuação do enfermeiro da Estratégia Saúde da Família na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças.	Pesquisa descritiva, exploratória, qualitativa realizada em uma capital do nordeste, Brasil.	CSD QDC Sinais PREAUT M-CHAT
Santos e Teixeira	2020	Contribuir para que as políticas que preconizam um diagnóstico precoce de TEA, se concretizem de fato.	Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem quantitativa dos dados, realizada na rede municipal de saúde da cidade de Cotia, estado de São Paulo, com os enfermeiros e auxiliares das Unidades Básicas de Saúde.	ABC ASQ M-CHAT

Fonte: Autores, 2023.

3.1 Instrumentos de Rastreamento e a Enfermagem

Conforme exposto no quadro 01, percebeu-se a prevalência do M-CHAT, um instrumento de rastreamento em forma de questionário, que pode ser aplicado aos pais e cuidadores, sendo citado em seis das sete obras encontradas. Em concordância, Bortone e Wingester (2016) diz que isso ocorre possivelmente pelo fato de ser o único instrumento de rastreamento estrangeiro traduzido para a língua portuguesa, facilitando o entendimento e uso pelos profissionais de enfermagem.

Backes *et al.* (2014) e Braga (2013) defendem o uso da *Autism Diagnostic Interview-Revised* (ADI-R), uma escala semiestruturada formulada para pais e cuidadores de crianças para ser método de rastreamento do espectro. Ela compreende fatores importantes que

podem chegar até o diagnóstico definitivo do TEA, a mesma só pode ser aplicada em indivíduos com mais de dezoito meses de vida. Os autores também sugerem o uso do método ASQ, um questionário composto por quarenta interrogativas extraídas da escala ADI-R, interrogativas essas que sofreram modificações para melhor compreensão dos responsáveis e melhor aplicabilidade dos profissionais. Eles também relatam que a CARS é um instrumento de grande valia, pelo pouco tempo que demanda em sua aplicação, com o quantitativo de quinze tópicos que visam avaliar atividades diárias do cotidiano do sujeito.

Com relação ao *Autism Behavior Checklist* (ABC), somente Beckes *et al.* (2014) e Santos e Teixeira (2020) chamam atenção para esse instrumento, que é um questionário composto por cinquenta e sete itens, avaliando cinco áreas diferentes, podendo identificar no indivíduo características do Espectro Autista.

Segundo Almeida *et al.* (2021), a Caderneta de Saúde da Criança (CSC) também seria um instrumento de grande uso na detecção do autismo, caso lhe fosse dada a devida importância durante o preenchimento e aplicação dos testes nela existentes. Para Nascimento *et al.* (2018), é curioso que o enfermeiro não tenha conhecimento suficiente para colocar em prática um instrumento tão valioso como é a CSC, além de muitas das vezes não saber reconhecer uma criança com autismo em suas consultas de enfermagem.

Com relação aos instrumentos *Autism Diagnostic Observacional Schedule* (ADOS), *Program Research Evaluation Autism* (PREAUT) e QDC, eles foram citados somente por Braga (2013) e Nascimento (2018), que ratificaram a eficácia na aplicabilidade dos mesmos e relataram que esses podem auxiliar na identificação do TEA, se aplicados logo nos três primeiros anos de vida do sujeito, quando os sinais podem ser observados de forma mais nítida.

Com base nos dados granjeados, pôde-se perceber que todos os instrumentos identificados na literatura estudada podem ser usados por enfermeiros, desde que estes tenham conhecimento suficiente para utilizá-los, sabendo que o uso inadequado dos mesmos poderá acarretar diagnósticos falso-positivos ou vice-versa, trazendo como consequências prejuízos psicológicos tanto para a criança quanto para a família e o próprio profissional executante (Moura, 2016).

Segundo o Ministério da Saúde, o instrumento mais recomendado hoje é o M-CHAT, pela facilidade no entendimento, manuseio e aplicação para o aplicador e terceiros. Tal instrumento de rastreio já vem sendo usado por vários profissionais de saúde e tem se mostrado eficaz quanto a identificação precoce do autismo (Brasil, 2015).

3.2 Inserção da enfermagem e as barreiras encontradas

De acordo com a análise da literatura, é possível evidenciar a inserção do enfermeiro como: articulador de medidas resolutivas; avaliador do desenvolvimento infantil; facilitador no processo de interação entre família, criança e serviço de saúde; orientador da família; além de educador em saúde e pesquisador do tema abordado, trazendo a importância da implementação de políticas de educação permanentes para esses profissionais.

Para Almeida *et al.* (2021) e Bortone e Wingester (2016), o enfermeiro deve atuar como articulador de condutas e intervenções precoces entre a família, o sujeito e a saúde de forma que possa ajudar na reabilitação desse indivíduo e a sua inserção na sociedade e melhor entendimento da patologia pela família, proporcionando a todas as partes a oportunidade de vivenciar as emoções experienciadas.

Ainda neste tópico, Braga (2013) e Almeida (2016) comentam que é de suma importância que o enfermeiro, enquanto atuante direto e mais próximo da população, esteja apto para atender o público autista, atentando sempre para suas particularidades e necessidades, sabendo lidar com suas individualidades e implementação de instrumentos adequados.

Essa atuação da enfermagem não é exclusiva no cuidado com pessoas com TEA, ela é presente em várias outras áreas. O enfermeiro deve ser um articulador de condutas na sua prática clínica geral, o que o leva a ser um dos profissionais com maior contato entre a tríade família-cliente-comunidade. Com isso, este profissional deve estar apto a desenvolver condutas e trabalhos de intervenção junto à comunidade, colaborando no rastreamento de necessidades diversas de saúde, aumentando seu leque de conhecimento (Ferreira; Períco; Dias, 2018).

Sobre a função do enfermeiro como avaliador do desenvolvimento infantil, este profissional deve, *a priori*, acompanhar os marcos do desenvolvimento durante suas consultas em busca do reconhecimento de qualquer sinal atípico de desenvolvimento. Essa atribuição diminui as chances de agravos e as possibilidades de cronificação do sujeito, potencializando as oportunidades terapêuticas adequadas (Braga, 2013).

Nascimento *et al.* (2018) e Santos e Teixeira (2020) também chamam atenção para essa atribuição do enfermeiro, onde ele poderá identificar precocemente as alterações de desenvolvimento e encaminhar precocemente para o tratamento adequado. Isso requer do profissional qualificação e visão bem alinhada e detalhista, que lhe permite perceber durante a interação com o infante se os marcos estão sendo ou não alcançados, segundo os critérios já estabelecidos.

Santos e Teixeira (2020) chamam a atenção para a importância desse papel para o enfermeiro enquanto avaliador, pois, mesmo não existindo ainda critérios específicos para a

profissão usar durante as análises de comportamento infantil, cabe a ele fazer as devidas observações e sugestões à equipe sobre os possíveis achados.

Para tais profissões como: psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e psicopedagogos, já existem critérios e diretrizes pelos quais estes podem avaliar indivíduos com suspeita de autismo ou qualquer outra alteração comportamental, no entanto, na área da enfermagem, ainda há pouco a respeito dessas questões, seja em manuais ou artigos científicos. Isso se deve à falta de interesse da classe em investimento científico e de formação acadêmica e continuada junto ao diagnóstico precoce de pessoas com TEA (Brasil, 2015).

Uma outra função que emergiu da análise das publicações consiste no Enfermeiro como facilitador do processo de interação família-criança-serviço, atuando como atenuador, tornando mais fácil o entendimento aos envolvidos e permitindo com que a relação entre eles possa ser mais harmoniosa. Essas atribuições envolvem tanto a assistência à criança quanto o papel de educador com a família, para que esta entenda e compreenda a importância de apoiar e colocar em prática tudo o que fora instruído nas consultas da equipe multiprofissional (Moura, 2016).

Backes *et al.* (2014) e Moura (2016) explicitam a função de educador em saúde, pois o profissional poderá influenciar e esclarecer dúvidas dos novos e antigos profissionais da área. Essa função vai além de somente instruir indivíduos singulares, mas de formar pessoas mais críticas, preparadas e hábeis para possíveis desafios que irão surgir ao longo de suas vidas, inclusive no que tange à percepção de transtornos infantis.

Backes *et al.* (2014) destacam a dimensão de tal função na enfermagem pela carência de qualificação efetiva, consequência de uma graduação ainda pobre nesse aspecto, enquanto Moura (2016) entende que, na função de educador, o enfermeiro poderá esclarecer dúvidas das famílias, ampliando o conhecimento dos pais e cuidadores sobre a condição.

Como educador em saúde, o enfermeiro poderá transmitir conhecimento necessário sobre certas patologias, ensinando a identificação de tais, da mesma forma que pode atuar no diagnóstico precoce do TEA, pois é dele a responsabilidade de direcionar os demais colegas a quais atitudes tomar no que diz respeito ao rastreamento e aplicação de métodos para reconhecimento do espectro. A sua orientação à equipe implicará em bons resultados para todos os envolvidos e, conseqüentemente, na prestação do cuidado mais humanizado, pois melhor se faz a assistência ao se conhecer o problema (Moura, 2016).

Além de inserir a enfermagem no cargo de avaliador e educador, a literatura consultada também apontou a necessidade desse profissional enquanto pesquisador. Nascimento *et al.* (2018) comentam que o enfermeiro, para entender o TEA, deve não ser

apenas um replicador de práticas ou utilizador de instrumentos já dados, mas um produtor de conhecimentos. Esse movimento de pesquisa e utilização ativa são fundamentais para o melhor julgamento clínico durante seus atendimentos, além de ampliar as pesquisas e o avanço científico nesse assunto.

Outros autores discutem que o desconhecimento dessa condição por parte da enfermagem mostra a grande necessidade que a categoria tem na área de capacitação profissional e educação continuada. A princípio, na área de saúde mental e, especificamente, aos atrasos de desenvolvimento infantil, não saber detectar sinais de alerta do TEA reafirma que os profissionais de enfermagem precisam abrir o leque de atuação da profissão, a fim de serem protagonistas e não somente coadjuvantes em um processo de grande importância, e que pode possibilitar melhor acesso de atendimentos precoces à população (Bortone; Wingester, 2016).

Barbosa (2014) destaca, no tocante à capacitação/qualificação, que a assistência não é campo de atuação único e exclusivo para o enfermeiro, motivado e munido de conhecimento e métodos necessários, este poderá ampliar sua área de trabalho e transformar o ambiente em que está inserido, podendo exercer uma função a mais para a sociedade através do aprimoramento a nível técnico e científico.

Para Ferreira, Perico e Dias (2018), o enfermeiro completo é aquele que, além da sua área de atuação, consegue dominar outras áreas, compreendendo e executando ações que colaborem para o bem de todos. Este profissional deve buscar a multifuncionalidade e encontrar meios para promover a saúde integral do indivíduo, saindo do lugar comum e descobrindo novas formas de cuidar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou alcançar pontos importantes como identificar os instrumentos que podem ser usados pelos profissionais de enfermagem durante a puericultura para rastreio do TEA, como: CSC, ABC, ADI-R, ASQ, CARS, M-CHAT, ADOS, IRDI, QDC e sinais PREAUT, que podem antecipar o diagnóstico, se usados de forma correta.

O estudo atual também permitiu descrever várias funções do enfermeiro durante o processo de diagnóstico, atuando como orientador, educador em saúde, articulador de condutas entre sujeito, a saúde e sua família, e avaliador do desenvolvimento infantil. E que a falta de literatura científica, conhecimento do tema, capacitação profissional, investimento de recursos e desconhecimento de sinais característicos de espectro tem se mostrado como barreiras visíveis que impedem o enfermeiro de rastrear efetivamente o autismo.

A pesquisa também demonstrou ser muito importante, tanto pela temática abordada, ainda pouco desenvolvida e pesquisada, quanto pela possibilidade de auxiliar outros enfermeiros que atuam com crianças e adolescentes a realizar rastreios mais efetivos, dados os instrumentos mais frequentemente sugeridos pelos estudos recentes. Quanto às limitações da pesquisa atual, pode-se apontar o método utilizado, limitado a publicações apenas em português, disponibilizadas de forma gratuita.

Os pesquisadores nessa área devem dar continuidade a pesquisas envolvendo o TEA e a enfermagem, com temáticas relevantes e atuais, como a proposta neste estudo. Sugere-se a novas investidas científicas, buscar pesquisas qualitativas em busca tanto do relato dos pais sobre o rastreio precoce por profissionais mais próximos a eles, quanto dos próprios profissionais para compreender as barreiras e propor soluções a estas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Tereza Santos de *et al.* Desafios na utilização da caderneta de saúde para o diagnóstico de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa.

Research, Society and Development, v. 10, n. 10, p. 01-12, 2021. DOI:
<http://qdx.do.org/10.33448/rsd-v10i10.18663>.

ARAÚJO, Cassio Monteiro de *et al.* O papel do enfermeiro na assistência à criança autista.

Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, v. 1, n. 3, p. 31-5, 2019. Disponível em:
<http://revista.rebis.co.br/index.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

BACKES, Bárbara *et al.* **Propriedades psicométricas de instrumentos de avaliação do Transtorno do Espectro do Autismo**: uma revisão sistemática de estudos brasileiros. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pós-Graduação. Instituto de Psicologia, Porto Alegre, Brasil, 2014.

BARBOSA, Marli Reinado. **Educação continuada em enfermagem e a qualidade da assistência**. Centro de pós-graduação e pesquisa (Mestrado em Enfermagem). UNG, Guarulhos, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada a Temática. **Linha de cuidado a atenção as pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção psicossocial no Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em:

https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf. Acesso em: 28 out. 2023.

BRAGA, Maria Rita. **Deteção precoce dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento**: atuação do enfermeiro. São José do Rio Preto, 2013, 135f. Tese (Doutorado). Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto-FAMERP.

BORTONE, Alexandra Rezende Teixeira; WINGESTER, Edna Lucia Campos. Identificação

do Espectro do Transtorno Autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem. **SynThesis Revista Digital**, FAPAM, Pará de Minas, v. 7, n. 7, 131-148, dez. 2016.

FERREIRA, Sandra Rejane Soares; PÉRICO, Lisiane Andréia Devinar; DIAS, Vima Regina Freitas. A complexidade do trabalho do enfermeiro na atenção primária de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 1, p. 704-9, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0471>.

MOURA, Conceição de Maria Aguiar Barros. **Rastreamento do Transtorno o Espectro do Autismo na consulta de enfermagem com aplicação do M-CHAT**. 2016, 67f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em enfermagem, 2016.

NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira *et al.* Transtorno do Espectro Autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, n. 1, p. 1-8, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/25425>. Acesso em: 08 out. 2023.

OLIVEIRA, Jonathan Emanuel Lucas Cruz de *et al.* Cuidados de enfermagem a criança portadora de Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS E SAÚDE*, 3., 2018. **Anais [...]**. Disponível em: <http://editorarealize.com.br>. Acesso em: 20 out. 2023.

RODRIGUES, Patrícia Maria da Silva *et al.* Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. **Escola Ana Nery – Revista de Enfermagem**, v. 21, n. 1, p. 01-09, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SANTOS, Pedro Henrique Araújo dos; TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz. **Atenção Básica de Saúde e Transtorno do Espectro Autista**: construção e validação de instrumento para avaliar marcos esperados de desenvolvimento infantil pré-capacitação de profissionais. Universidade Presbiteriana Mackenzie, XVI Jornada de iniciação Científica e X Mostra de iniciação Tecnológica. 2020.

SILVA, Joyce Soares *et al.* O cuidar de enfermagem em saúde mental na perspectiva da reforma psiquiátrica. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 1, p. 2177-2185. 2020.